

Ecos de genocídios para além do estado de exceção

Julie Avila do Brasil Almeida¹

Resumo: O presente artigo busca revisitar a história da guerra civil guatemalteca e seus paralelismos com a contemporaneidade através das obras produzidas por Regina José Galindo naquela geografia. Através de experiências autobiográficas, comentam-se também os ecos do genocídio para além do estado de exceção, sobretudo no que diz respeito à violência desferida às mulheres.

Palavras-chave: *Guatemala; feminicídio; artes visuais; resistência.*

Echoes of genocides beyond the state of exception

Abstract: The present article seeks to revisit the history of the Guatemalan civil war and its parallels with contemporaneity through the works produced by Regina José Galindo in that geography. Through autobiographical experiences, it also comments on the echoes of the genocide beyond the state of exception, especially with regard to the violence inflicted on women.

Keywords: *Guatemala; femicide; visual arts; resistance.*

1 Doutora em Imagem e Cultura (PPGAV-EBA/UFRJ - Doutorado Sanduíche NYU 2020), Mestre em Artes Visuais (PPGAV-EBA/UFRJ - 2015) pela linha de Linguagens Visuais, bacharel em Pintura (EBA/UFRJ com Coeficiente de rendimento Summa cum laude - 2010). Pós-graduada em Marketing (PUC/RJ -1988) e bacharel em Comunicação Social (UFF - 1987). Trabalha como professora substituta de disciplinas de Desenho na Escola de Belas Artes da UFRJ - Av. Pedro Calmon, 550 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 21941-901. E-mail: julie.brasil@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3108-2478>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9433902387153867>. Rio de Janeiro, Brasil.

Mi cuerpo no como mi cuerpo individual sino como cuerpo social, cuerpo colectivo, cuerpo global. Ser o reflejar a través de mí, la experiencia del otro; porque todos somos nosotros mismos y al mismo tiempo somos los otros.

(Regina José Galindo)

Pensar a violência é também questionar as fronteiras entre o eu e o outro, a imprecisão de nossa própria existência. É observar a dialética da criação-destruição e a tendência ao conflito que acompanha a biografia da humanidade ao longo dos milênios, assim como conjecturar se somos inumanos.

A palavra sempre foi um elemento constitucional em todas as civilizações e se instituiu ao longo do tempo através da tradição oral, vital para as culturas ancestrais e contemporâneas, como meio de preservação de memórias partilhadas de um grupo social. Os antepassados *mayas*, originalmente orais, alimentaram e nutriram as lembranças dos acontecimentos através de guardiões da memória com a *contação* de histórias, mitos e lendas, passados de geração em geração.

Com o advento de outros apoios da recordação, a oralidade sofreu transformações, mas ainda se constitui fundamental entre nós. Os mitos e as lendas de vários povos originários foram concebidos para serem interpretados por pessoas pertencentes a um mesmo grupo social, implicando num saber profundo, temperado de religiosidade e tradições simbólicas, desconhecidas em ambientes externos. A percepção e o sentido dos textos transcritos de narrativas orais, compartilhados fora do grupo, ficam turvos para quem vive em diferentes condições históricas.

A criação do mundo e dos homens se encontra registrada sobre papel no *Popol Vuh – livro da Comunidade*, considerado o mais importante documento político-poético da antiguidade das Américas. O legado milenar foi mantido vivo na tradição da rememoração oral e em livros hieroglíficos de sofisticado trançado sígnico ainda no início do século XVI até que, após a invasão espanhola, alguns mestres da palavra, entre eles o indígena

cristianizado Diego Reinoso, registraram-no em *quiché*¹, no recém aprendido alfabeto latino. Antes de desaparecer, esse texto foi traduzido por Francisco Ximenez no início do século XVIII e esse documento bilíngue – o manuscrito de *Chichicastenango* – é a sua versão mais antiga disponível na atualidade.

K'a katz'ininoq,
k'a kachamamoc,
katz'ininoq,
k'a kasilanik,
k'a kalolinik,
katolona'puch u pa kaj.²

As primeiras narrações envolvendo violência de que tenho memória, foram relatadas pela Tia Mary, irmã mais velha de meu pai, costureira solteirona e grande contadora de histórias, que costumava vir à casa alguns domingos para cuidar de minhas duas irmãs e de mim, enquanto nossos pais tinham compromissos onde crianças não eram bem-vindas.

Na oralidade, a expressão transcende as palavras. A entonação, o olhar, a linguagem corporal, os sentidos e a expressividade sempre foram chaves para a nossa contadora, que entendia e sabia da importância das histórias para que fossem escutadas, sentidas, compreendidas, memorizadas e repetidas por nós, as escutadoras, que por sua vez criávamos imagens e ações na imaginação, conduzidas tanto pela nossa narradora quanto pelo entorno.

Ainda me lembro da aguda história contada por minha tia que relatava a cosmovisão a partir do panteão de deuses e da genealogia do povo *maya-quiché* da Guatemala. Quando o sol se punha, ela nos conduzia até o quarto e, enquanto ajeitávamos a cama, iniciava a *contaçaõ*:

1 O quiché é uma língua e um povo ameríndio das terras altas na era pré-colombiana que se formou a partir do século XI. É associado à antiga civilização maya cujo período clássico ocorreu entre os séculos IV e X.

2 Tudo ainda em suspenso, ainda silente, tudo sereno, ainda em sossego, tudo em silêncio, vazio também o ventre do céu.

No início, tudo estava em suspenso e em silêncio. Não existiam o homem, os animais, a vegetação ou as pedras, apenas o céu em toda sua extensão e o mar em repouso na escuridão da noite. *Tzacol* (o Criador), *Bitol* (o Formador), *Alon* (A-que-Concebe) e *Qaholom* (O-que-Gera), estavam na água cercados de luz, envoltos em plumas verdes de *Quetzal*³ e plumas azuis de Cotinga, e no céu estava *Huracán* (Coração do Céu).

Na escuridão, *Caculhá Huracán* (Raio Coração do Céu), *Chipi-Caculhá* (Raio Pequeno) e *Raxa-Caculhá* (Raio Repentino) dirigiram-se a *Tepeu* (Majestade) e *Gucumatx*⁴ (Serpente Emplumada) para juntarem pensamentos e palavras a fim de acordar sobre a luz após o preenchimento do vazio.

Quando o céu ainda era suspenso e a terra submersa, Coração do Céu e Coração da Terra foram os primeiros a fecundar. Plantaram uma árvore de *Ceiba*, dando espaço para a vida. As raízes penetraram profundamente nos nove níveis do *inframundo*, o tronco ficou na superfície da terra, e as ramas atingiram os treze níveis do Supra Mundo.

Assim como a neblina, nuvens e poeira, surgiram da água a terra e os vales, de onde brotaram os ciprestes e os pinheiros. Os córregos corriam livremente entre as colinas, e as águas se dividiram quando as altas montanhas surgiram. Conceberam também os animais das montanhas, os guardiões das matas e dos arbustos, pássaros pequenos e grandes, morcegos, veados, jaguares e cascavéis.

Durante a criação do mundo, os deuses estavam em busca de gratidão pela vida criada, mas não encontraram bons resultados, já que as diversas criaturas semeadas na terra até aquele então, não falavam, não os honravam nem os alimentavam.

Assim, o Criador, o Formador, A-que-Concebe e O-que-Gera decidiram modelar um homem a partir de barro, mas logo viram que não ficou bom. Inicialmente, ele balbuciou palavras sem sentido, não podia ver ao seu redor por que seu pescoço era imóvel. Não podia andar, contar os dias, nem se multiplicar e, encharcado pelas chuvas, foi se dissolvendo aos poucos.

Então, o Criador e o Formador invocaram *Ixpiyacoc* (Avô do dia) e *Ixmucané* (Avó da Luz) para uma nova criação. Nesse instante, *Huracán*, o deus da tempestade, e nossos primeiros antepassados *Tepeu* e *Gucumatx* se dirigiram ao Mestre dos Dias e à Mestra das Formas no processo de dar a luz a homens feitos de madeira de mulungu-coral entalhada e a mulheres feitas de *rattan*⁵. Eles falaram e se multiplicaram povoando o leito da terra, mas, como eram despossuídos de coração e entendimento, não se recordavam de seu criador.

Em consequência do seu segundo fracasso na criação, os deuses conduziram o primeiro genocídio contra as pessoas primitivas que existiram em grande número sobre o leito da terra. A superfície do planeta enegreceu e um dilúvio de dias e noites destruiu seu rastro. Então veio seu fim, sua aniquilação, seu despedaçamento e os homens e mulheres de madeira e *rattan* foram mortos. (informação verbal)⁶

3 Pássaro considerado sagrado do povo maya, atual símbolo nacional da Guatemala.

4 Gucumatx (Quetzalcóatl em nahua ou Kulkán em maya clássico), como muitos deuses mesoamericanos, era transfiguração particular do sol ou Raio Coração do Céu entre os mayas.

5 Espécie de palmeira usada para fazer utensílios e móveis.

6 História contada por minha tia antes de dormirmos.

Naquele então, não tínhamos a clareza de que se tratava da história da criação *maya* e, obviamente, dormir era a última coisa a se conseguir diante do terror. Tia Mary continuava contando de memória a história que hoje sei estar transcrita no livro sagrado:

[...] Mas como não pensaram nem falaram quando estiveram à face de Tzacol, Bitol, o Criador deles, o Formador deles como homens, eles foram mortos na inundação. Uma chuva de resina caiu do céu. Então veio Xecotovach (o Escavador de Olhos), assim chamado, e arrancou seus olhos; veio Camalotz (o Morcego Decapitador) e cortou suas cabeças; veio Cotzbalam (o Jaguar espreitador) e devorou suas carnes. E veio também Tucumbalan (o Jaguar dilacerador), dilacerou-os, esmagou seus ossos e tendões, despedaçou-os, esmigalhou seus ossos.

Seus rostos foram destruídos porque foram incapazes de entendimento à face da mãe, à face do pai, Coração do Céu, Huracán é seu nome. (POPOL Vuh, p. 219.)

Esse foi o primeiro grande massacre contra a humanidade a que tive acesso ainda criança. Quando nossos ouvidos atentos não mais podiam, ela contava uma outra história, que aliviava a nossa angústia e permitia que fechássemos os olhos à noite:

Com o passar dos tempos, se percebeu que a humanidade não dava conta de resolver suas preocupações e conflitos por si só, e Ixmucané, a Deusa do Milho, que dera origem aos homens e mulheres mayas, criou as Muñecas Quitapenas⁷ a partir da espiga de milho também. Elas têm poderes mágicos, são as guardiãs dos segredos e sempre encontram uma forma de aliviar as dores do mundo. Então, se tivermos desassossegos, basta contá-los às Quitapenas e colocá-las debaixo do travesseiro ao dormir. Durante a noite, elas encaminham as questões aos deuses para que estes as resolvam, e ao acordar, não teremos mais aflições. (informação verbal)⁸

Para garantir maior proteção, adotávamos ao dormir um sincretismo peculiar, dirigindo-nos com a mesma devoção ao Anjo da Guarda sobre nossas cabeças e às *Quitapenas* sob elas.

7 As bonequinhas-artefato têm de dois a dez centímetros de comprimento e são peças de uma lenda tradicional da Guatemala de origem desconhecida narrada de pais e avós para filhos e netos. Atualmente, elas são feitas pelos descendentes do povo maya e são colocadas em caixinhas ou bolsas de tecido e, normalmente, vêm em grupos de seis, uma para cada dia da semana, exceto domingo, dia de seu descanso.

8 História contada por minha tia e avó paterna.

Seriam essas bonequinhas uma manifestação da preocupação social dos criadores? Teriam elas que se colocar a serviço de uma alteração de condições individuais ou sociais injustas?

Quiçá essas memórias de alívio e descarga foram disparadoras da performance em que, por tempo indeterminado, propus-me a ser um canal de escuta a quem quisesse compartilhar seus sobressaltos através de pensamentos ou palavras. Por meio de laços de empatia e com o claro compromisso de manter em segredo tudo o que era confiado às *Quitapenas*, encaminhava as contendas ao universo, para serem absorvidas pelos deuses e aliviarem os consulentes.

Havia o exército de cem bonequinhas bordadas em minha veste, uma espécie de manto de apresentação⁹ com diversos adereços do meu cotidiano e tecidos *mayas* que pertenceram a mulheres da minha família, dado fundamental para meu povo, que crê que os acontecimentos do mundo natural são regidos por forças espirituais e pelo poder dos ancestrais. Para nós, a força feminina impressa na informação genética cria nós de comunicação e redes emocionais, que intercedem pelas pessoas e curam a nossa condição de vida na Terra.

Figura 1

Artista. Quitapenas, 2018. Performance, Rio de Janeiro. Veste: Victor Hugo Mattos, Modelista: Maria Amélia, Fotos: Aline Chagas



⁹ Referência à obra *Manto da Apresentação* de Arthur Bispo do Rosário, veste bordada interna e externamente durante trinta anos para ser usada no momento do grande encontro entre Pai e Filho.

O germe para o conflito civil guatemalteco contemporâneo brotou no final da II Guerra Mundial quando os Estados Unidos defendiam a expansão do sistema capitalista e a União Soviética, a ampliação do comunismo. Devido ao arsenal nuclear que ambos possuíam, nunca houve o embate armado direto entre as potências, mas a disputa pela hegemonia política, econômica e militar foi alimentada através de conflitos em outros países. No caso particular da Guatemala, a guerra se estendeu por muito mais tempo do que em outros países latino-americanos, porque a oligarquia local se aproveitou da cultura de combate para se apropriar das terras dos indígenas, os quais eram acusados, indevidamente, de comunistas.

Durante os anos 1980, período mais letal do conflito, entre cem e cento e cinquenta mil guatemaltecos de origem *maya* foram assassinados pelas Forças Armadas nacionais, que adotaram a estratégia militar de terra arrasada – *Operación Ceniza* –, torturando, estuprando e deslocando à força grupos nas zonas rurais montanhosas.

Em 2013, Regina Galindo, afetada pelas atrocidades narradas durante o julgamento do ex-presidente Ríos Montt – o primeiro ditador do mundo a ser acusado e condenado por genocídio no seu próprio país –, apresenta de forma pungente uma figura que representa as centenas de depoimentos e perícias levadas a cabo por profissionais estrangeiros do mundo inteiro. Houve relatos de que fossas eram feitas por militares através do uso de retroescavadeiras, de que as pessoas eram empurradas ainda vivas com baionetas e de que os mesmos tratores comprimiam com a pá as vítimas para ampliar a capacidade de corpos daquele espaço.

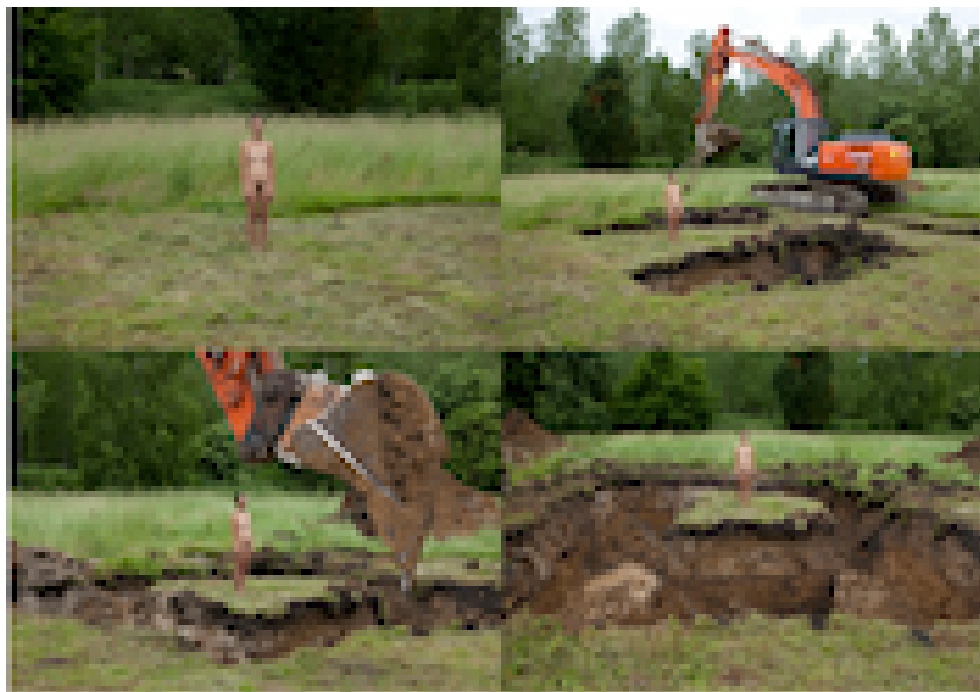
No vídeo *Tierra*, a artista se encontra só, silente e despida no meio de uma área verde quando, abruptamente, tem a tranquilidade abalada pelo ensurdecido trator de terraplenagem, alusão aos cidadãos inocentes que foram assassinados e enterrados em uma vala comum feita pelas máquinas – operação, essencialmente, similar a dos corpos não identificados e massacrados pela violência do Estado no Brasil em 1968 e ao massacre espanhol sem muita tecnologia no período da conquista.

O embate entre a escavadeira e o seu corpo vulnerável expõe a desproporção e a injustiça do regime do ex-presidente enquanto cresce o abismo que a cerca, símbolo da alienação advinda da violência política e do eterno adiamento do veredito de Ríos Montt por aparentes problemas de saúde. Regina permaneceu de pé a despeito da destruição ao seu redor.

Como no conceito de natalidade de Arendt, o milagre da liberdade de seu ato está contido no fato de que cada ser humano é em si a possibilidade de um novo começo, nascendo no mundo que existe antes dele e que continuará existindo depois dele.

Figura 2

Regina José Galindo.
TIERRA, 2013. Vídeo,
33'30", Guatemala,
Fotos: Bertrand Huet



– Como matavam pessoas? – Perguntou o fiscal

– Primeiro, eles ordenaram ao operador da máquina, o oficial García, que cavasse um buraco. Então eles estacionaram caminhões cheios de pessoas na frente de El Pino e eles preencheram um por um. Eles não atiraram neles. Muitas vezes os espetavam com baionetas, rasgavam seus peitos e os carregaram para o poço. Quando o poço estava cheio, eles deixaram a pá da escavadeira compactar os corpos. (informação verbal)¹⁰

Em o *Leviatã*, afirma-se que as principais causas encontradas na *natureza do homem*¹¹ que o desvirtuam à guerra são: a competição (determinada

10 Testemunho no julgamento por genocídio contra José Efraín Ríos Montt e José Mauricio Rodríguez Sánchez. Trecho de um depoimento captado durante o julgamento do ex-presidente Ríos Montt e do ex-chefe de inteligência, acusados de participar do genocídio dos indígenas ixiles entre 1982 e 1983. Tradução nossa.

11 O homem natural hobbesiano não é como o homem da natureza de Rousseau – o homem que nega a sociedade e que pode ser até equilibrado. Para Hobbes, o homem natural é o homem social sem o Estado, aquele que perdeu controle e freios.

pela vontade de tomar o que pertence ao outro), a desconfiança (prevenção da primeira, determinada pela insegurança da vítima em potencial), e a glória (determinada pela reputação). Tais inclinações são baseadas no desejo e no medo, constituintes fundantes do homem. O autor defende a existência prévia de um direito de natureza – *ius naturale* –, a liberdade do homem para fazer o que sua razão julgue ser bom para a sua vida, com uma igualdade generalizada, na qual todos podem tudo. Ocorre que, a partir dessa liberdade absoluta e em consequência da agitação entre as diversas razões, sucedem os conflitos.

Como então lograr a paz nessa arena?

Para fazer face ao direito de natureza do homem, Hobbes cunha o conceito de *Lex naturalis*, a lei que impõe limites ao homem para a preservação de sua vida.

Uma vez que a condição humana é a guerra de uns contra outros, cada qual governado por sua própria razão, e não havendo algo que o homem possa lançar mão para ajudá-lo a preservar a própria vida contra os inimigos, todos têm direito a tudo, inclusive ao corpo alheio. Assim, perdurando este direito de cada um sobre todas as coisas, ninguém poderá estar seguro (por mais forte e sábio que seja) de que viverá durante todo o tempo que normalmente a Natureza nos permite viver. (HOBBS, 1974, p. 98)

A guerra pressupõe um estado de hierarquia que garante ao grupo mais forte o direito sobre a existência do outro mais fraco. Um embate que vai além de conflitos diretos em períodos de exceção e se perpetua à medida em que há uma divisão entre exploradores e explorados, sendo o segundo grupo refém do primeiro também em instâncias sociais.

Segundo o pensamento hobbesiano, a força não necessariamente garantirá segurança em um Estado cuja regra passa pela liberdade de transgredir o próximo. Na vida real, porém, a regra que se impõe é a da força histórico-política.

Um exemplo que pode ser observado na relação estabelecida entre latino-americanos e Estados Unidos e/ou Europa: retiram-se os recursos, exploram-se os nativos, financiam-se ditaduras, devasta-se a economia e, apesar disso, constrói-se uma imagem bem-sucedida que convence os explorados de que o ideal é um deslocamento em busca de oportunidades.

Uma busca que implica, muitas vezes, pôr em risco a própria integridade física e a vida de entes queridos.

Em 2019, a artista Regina Galindo salta dos espaços culturais apartados que protegem os passivos visitantes e se engaja em uma *campanha de comunicação* dirigida à população dos EUA, indo às ruas para afixar cartazes com os mesmos códigos visuais de crianças desaparecidas naquele país. *Missing Forever*¹² são colocados em diferentes áreas de cidades importantes, graças ao apoio de dezenas de voluntários em todo o país. Ali, ela mostra as crianças e expõe os negócios lucrativos por trás da cruel decisão de separação de famílias na linha divisória entre o México e os EUA. Os meninos e as meninas morreram em abrigos de imigrantes – propriedades do governo –, subsidiados com impostos de cidadãos que pagaram setecentos e cinquenta dólares por cada criança presa.

A arte não tem uma função, mas tem uma forma de operar. Ao recorrer ao absoluto realismo, Galindo não deseja trazer novidades nem leituras simbólicas contemporâneas, mas mobilizar a sociedade pela dramática apresentação da realidade.

Fruto de uma política impiedosa de governo e de cidadãos que a apoiam e financiam, os cartazes não devolvem a violência social, econômica e política sofrida por guatemaltecos, mas maculam a paisagem dos jardins e quintais daquela mesma sociedade. Não é se valer de símbolos, mas de uma narrativa crua de rostos, que querem trazer à reflexão a dor muda que nunca muda.

Figura 3
Regina José Galindo.
MISSING FOREVER,
2019. Papel, diversas
cidades dos EUA



12 Desaparecido para sempre. Disponível em: <http://www.reginajosegalindo.com/en/missing-forever-2/> e em <https://lahoravozdelmigrante.com/regina-jose-galindo-busca-hacer-conciencia-social-a-traves-de-su-arte/>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Ocupar o espaço e o tempo altera a relação entre os sujeitos e os cartazes-denúncia, altera o *entre* do público e do privado, do que compete ou não a uma comunidade política. A sutileza não cabe mais, e talvez *panfletar* identidades seja a única construção artística possível.

Quando o tempo realista e *abso(luto)* urge, a arte atemporal que atravessa as épocas se fragiliza e perde sentido. A apresentação das contradições entre a percepção e a manifestação fiel da realidade não nega a arte, pelo contrário, como afirma Jacques Rancière “a política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer” (2005, p. 59). Uma ficção não consiste em contar histórias imaginárias. É a construção de uma nova relação entre a aparência e a realidade, o visível e o seu significado, o singular e o comum.

Galindo busca criar um elo entre o dentro e o fora ao ligar a linguagem artística ao espaço social, já que através da partilha propõe a relação política do mundo com uma *utopia possível*, com atravessamentos que podem encontrar a porta de saída. Sua arte não é política pelas mensagens que transmite nem pelo modo como apresenta as estruturas, mas pela maneira como ela configura o espaço em um determinado momento. Ao confrontar sujeitos com *panfletos*, a arte não se separa da vida pública do coletivo nem da vida individual concreta, mas redefine a experiência, altera as relações sensíveis e propõe novos regimes de significação.

Segundo o relatório da Oxfam¹³ – *Entre el suelo y el cielo* de Susana Gauster publicado em 2019, a Guatemala é um dos países mais desiguais do mundo. A diferença extrema se dá em todas as esferas sociais, econômicas e políticas. A subnutrição crônica é sessenta vezes maior em algumas escolas rurais indígenas de ensino fundamental do que em escolas da capital; a mortalidade infantil é quase três vezes mais elevada no quintil de renda mais baixa do que no mais alto; o analfabetismo é três vezes mais frequente nas mulheres indígenas do que nos homens não-indígenas; as mulheres desempenham cinco vezes mais tarefas domésticas do que os homens; as mulheres e as populações indígenas são três vezes menos representadas nos conselhos municipais em relação aos demais grupos populacionais.

13 A Oxfam International é uma confederação que atua em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, desigualdade e injustiça por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais.

Vinte e poucos anos da assinatura da declaração de acordo de paz (pós-guerra civil) na Guatemala não mitigam séculos de violência e usurpação das riquezas. O cerceamento das oportunidades promoveu a atual pobreza multidimensional¹⁴, em que seis de cada dez guatemaltecos não têm as necessidades básicas satisfeitas nas cinco dimensões sociais chaves: saúde, garantia alimentar e nutricional; educação; emprego digno; acesso a serviços e moradia.

Como bem lembrou a ativista guatemalteca Rigoberta Menchú, a paz não é somente a ausência de guerra, enquanto houver pobreza, racismo, discriminação e exclusão, dificilmente poderemos alcançar um mundo de paz.

Quais as diferenças estruturais ao compararmos o caso guatemalteco à *necropolítica* praticada nas operações policiais em bairros pobres do Rio de Janeiro contra crianças como Kauan Peixoto (12), Kauã Rozário (11), Marcos Vinícius (14), Ana Carolina Neves (8), Kauê dos Santos (12), Ágatha Félix (8), Ketellen Gomes (5) e João Pedro Pinto (14)?

Será possível separar a coercibilidade do Estado do conceito de violência? Existiria violência justificável? As determinações parecem insuficientes para considerar cada indivíduo e sociedade em suas singularidades.

Para Hobbes, há uma impossibilidade de projetar num futuro o contentamento do homem. A ganância repetitiva pela conquista de um bem presente que garante um próximo bem o condena à busca infundável que não se esgota na aquisição momentânea. A felicidade é imanente e carrega inquietude de um movimento de busca infundável.

... a felicidade desta vida não consiste no repouso de um espírito satisfeito, pois não existe o *finis ultimus* – fim último, nem o *summum bonum* – bem supremo, de que se fala nos livros dos antigos filósofos morais. E ao homem é impossível viver quando seus desejos, tal como quando seus sentidos e imaginação ficam paralisados. A felicidade é um contínuo progresso do desejo, de um objeto para outro, não sendo a obtenção do primeiro outra coisa senão o caminho para conseguir o segundo. (HOBBS, 1974, p. 91)

14 O índice de Pobreza Multidimensional da Guatemala (IPM-Gt) é resultado de um processo de diversos agentes governamentais e não governamentais levado a cabo em 2017 e 2018. O dado revela que 61,6% da população enfrentam privações em 30% ou mais dos indicadores avaliados. Disponível em: https://mppn.org/wp-content/uploads/2019/10/Guatemala-Report-IPM-gt_29jul19-v1.1.pdf. Acesso em: 14 mai. 2020.

Sigmund Freud também considera que o grande esforço da humanidade é em direção à felicidade. Ele se contrapõe com isso ao conceito platônico transcendente de bem. Tal conceito entende que haveria um direcionamento àquilo que é bom, belo e justo por uma inclinação natural do homem, ao menos aqueles que fazem bom uso da razão, moderando os impulsos do corpo de modo a se devotarem à vida espiritual. É assim que a virtude platônica encontra um vínculo estreito entre desejo, razão e bem transcendente, harmonia que a teoria freudiana irá perturbar.

Para Freud, o funcionamento do aparelho psíquico desde o início de vida de um indivíduo, se define pelo princípio geral da busca do prazer. Ele reconhece, porém, que esse objetivo não pode ser, satisfatoriamente, alcançado na medida em que o nosso corpo, as forças da natureza, as adversidades oriundas das relações que estabelecemos com o outro – seja como exemplo ou como rival – e a civilização são as principais fontes de infelicidade e sofrimento. A tendência hostil do homem é manifestada nas mais variadas formas de relação entre os indivíduos, incluindo o estado de natureza hobbesiano no qual a onipotência nega o outro, que só existe como instrumento de satisfação do eu.

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. (FREUD, 1976. p. 133)

Em situação de combate, nem sempre a morte é o pior. A negação do outro pode se dar a ver sob diversas formas de humilhação. Segundo o cientista Malcolm Potts, há evidências arqueológicas e antropológicas de que o estupro por exemplo, começou com a guerra, sendo inclusive um dos principais motivadores das primeiras lutas. Nas tribos pré-históricas, como só os líderes podiam ter relações com a maioria das mulheres do grupo, cabia aos jovens procriar apenas quando tomavam as fêmeas de outras tribos em batalhas, fazendo desses embates, estupros coletivos.

Com o desenvolvimento das primeiras civilizações greco-romanas, a violência sexual era considerada direito – um prêmio de guerra, ideia que começou a decair no ocaso da Idade Média, o que, no entanto, não impediu

os conquistadores da América de continuar estuprando mulheres indígenas sempre quando possível. Tal tradição foi contestada pelo Iluminismo europeu do século XVIII, tanto que, no período seguinte, leis foram formuladas para condenar tal crime, até que finalmente, teria sido absorvida na cultura militar.

O fato é, que a violação tem acompanhado a guerra em praticamente todos os períodos históricos conhecidos. Os homens são mortos, as crianças presas e vendidas, e as mulheres e meninas sofrem estupros para depois serem distribuídas entre os soldados junto aos outros objetos de espólios. Os casos de abusos sexuais, quer em atos individuais, quer como tática de terror, são usados para desmoralizar o adversário, promovendo sua rendição para salvar suas mulheres.

Potts, que trabalhou décadas com tratamento psicológico de mulheres vítimas de estupro em guerras, concluiu que tal abuso é visto como uma grande desonra, um fracasso dos parentes do gênero masculino em protegê-las, razão pela qual raramente as mulheres e famílias formalizam denúncias desses incidentes. Segundo o cientista, psicologicamente, se alguém morre no campo de batalha, transforma-se em herói e sua honra fortalece seus concidadãos, enquanto do estupro só resta a humilhação, a aniquilação da alma de uma sociedade.

Regina Galindo compartilha a ideia de que cabe às mulheres desempenhar o poderoso papel de tentar prevenir novos estupros. Ao revelar o que houve com elas, abre-se uma discussão ainda que isso demande muito mais coragem do que a de ir para a guerra.

No ano de 2007, grávida de oito meses, Galindo compra, ilegalmente, seis cordões umbilicais imersos numa garrafa *pet* de refrigerante cheia de formol, com os quais ela se ata às quatro extremidades de uma cama. Essa performance, refere-se aos estupros massivos infligidos a milhares de mulheres, grávidas ou não, pelos soldados durante o conflito armado. A maioria perdeu os seus filhos.

Regina nega veementemente ser uma ativista: “A base de todas as minhas performances é a criatividade: as ideias que tenho. Eu vivo em um país violento, e é de lá que vem minha arte violenta. Não acredito que a arte possa mudar o mundo. Os problemas que causam a injustiça devem ser abordados”¹⁵.

Figura 4

Regina José Galindo
Mientras, ellos siguen
libres, 2007
Performance, Gua-
temala, Foto: David
Pérez



Quando menina, lembro-me de ter visto tanques de guerra nas ruas para abafar quaisquer tentativas de insurreição. É curioso como eles vinham acompanhados de culto mítico e representavam uma imagem simbólica do poder do Estado tanto pela sua capacidade de repressão como pela ideia de poder findar com a opressão de um inimigo mesmo que imaginário. Nos filmes de ação, era comum ter veículos blindados como protagonistas, já que eram eles os responsáveis por proteger a soberania nacional. A imagem de tanques ultrapassando obstáculos contra a desordem

15 TERPSTRA, Marjan. Regina José Galindo: “Guatemala is violent, and so is art”. In: THE POWER OF CULTURE. Interview. [S.l.], mai. 2008. Disponível em: <http://www.powerofculture.nl/en/current/2008/May/galindo.html>. Acesso em: 04 jul. 2019. Tradução nossa.

16 GALINDO, Regina José. Mientras, ellos siguen libres. Disponível em: <http://www.reginajosegalindo.com/en/home-en/>. Acesso em: 13 mai. 2019.

tinham um valor emblemático, pois podia transformá-los em heróis em operações urbanas graças à sua resistência e capacidade de manter pessoas em *segurança*. Como deixavam a população *segura*, eles inspiravam uma confiança que facilmente os justificava, podendo legitimar o uso da palavra guerra e definir uma situação de conflito armado.

A teoria arendtiana da ação repudia quaisquer doutrinas que terminam por esvaziar o sentido de agir entre os homens em conjunto. A sociedade é um espaço onde se chocam as relações de força geradas pelas significações e simbolizações, e no qual as posições sociais são conformadas através de signos que funcionam com correspondências e oposições. O que Arendt propõe é a ação política dos cidadãos, que se reúnem em igualdade, para debater os assuntos políticos e agir conjuntamente.

A lei deve prevalecer sobre a liberdade ou a liberdade legalmente regulada é um princípio inviolável nas democracias? Quem (*em*)luta uma bandeira para apresentar os ultrajes e a morte de um país, deve ser castigado perante a lei? O que fazer com quem ofende e conduz um país à morte? Onde há força social para modificar o *status quo*?

No Brasil, paralelamente às manifestações da Guatemala de 2018, deu-se o histórico protesto pré-eleitoral: ato *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* com centenas de milhares de pessoas marchando de forma pacífica e sem confrontos pelas avenidas de mais de sessenta cidades brasileiras, protesto que se iniciou nas redes sociais através de organizadoras do sexo feminino e que tomou proporções gigantescas. O grupo oficial no *Facebook* foi uma convocação à união das mulheres de todo o Brasil contra o avanço e fortalecimento do machismo, da misoginia, do racismo, da homofobia e de outros tipos de preconceitos por acreditar que o candidato à presidência da República, Bolsonaro – líder da intenção de votos até a data do evento –, representava uma ameaça às conquistas e direitos. Foram as mulheres – seres políticos e sujeitos de direito – que tomaram consciência de seu papel de eleitoras e que de fato podiam, ao se unirem, fazer escolhas determinantes em eleições no âmbito nacional, colocando em prática a perspectiva crítica do pensador e cineasta guatemalteco Sérgio Valdés Pedroni:

As redes virtuais são muito interessantes e não temos por que renunciar a elas. Não obstante, convém dar-lhes usos edificantes sem esquecer que a vida se constrói fora, nas aulas, nas ruas, na cena artística, nos locais de trabalho, nas bibliotecas, nos cine-

mas, nos bares, nas casas, nos centros culturais, nas quadras esportivas. E é ali, nesses lugares, onde deveríamos passar a maior parte da nossa vida, que vai se tornando breve na medida em que o tempo abre sulcos em nossa pele.

A rigor, *redes sociais* são aquelas que se constroem em um entorno social concreto. Gente que se organiza e se reúne a cada certo tempo para trabalhar em conjunto, intercambiar experiências, planejar ações sociais, reivindicar livre orientação sexual, protestar contra a censura, fazer chuva de ideias e redigir um comunicado exigindo justiça para as vítimas da contaminação industrial de um rio ou um lago. (PEDRONI, 2017, p.126. Tradução nossa.)

Em 2020, o populista ultraconservador Alejandro Giammattei assumiu a presidência da Guatemala com apoio de apenas cinquenta e oito por cento da população, resultado de um processo de um sistema político-eleitoral que anulou a candidatura de vários de seus concorrentes. A sua proposta principal da campanha foi a inclusão da pena de morte e a militarização da ordem pública. Ele é contra os casamentos entre pessoas do mesmo sexo, o aborto e prometeu reduzir em 2032 a taxa de pobreza de cinquenta e nove por cento para vinte e cinco por cento da população com a implementação do Plano Nacional de Inovação e Desenvolvimento.

O ex-presidente Jimmy Morales tomou posse como deputado e encontrou refúgio no Parlamento Centro-Americano, órgão regional que lhe garantiu imunidade no cargo. Houve grandes protestos no dia da posse, a polícia dispersou a multidão com gás de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo e a detenção de alguns manifestantes.

No Brasil, apesar dos esforços nas ruas, em 2019, o direitista Jair Messias Bolsonaro assumiu a presidência. Eleito com cinquenta e cinco por cento dos votos válidos (ou trinta e nove por cento do total de leitores), ele não acabou com as práticas da velha política como prometido. Bolsonaro é autoritário, truculento, errático e confunde assuntos de Estado com interesses ideológicos pessoais. Na prática, o país enfrenta uma crise econômica e uma ampliação da desigualdade social sem precedentes.

Como Arendt, não creio num receituário para o agir político, porque instrumentalizar o pensamento para fins políticos é quase tão grave e inútil quanto instrumentalizar a ação. O que temos que fazer é buscar compreender para encarar a responsabilidade que temos pelo mundo ser como é. No prefácio da obra *Entre o Passado e o Futuro*, Celso Lafer afirma:

[o] campo da política é o do diálogo plural que surge no espaço da palavra e ação – o mundo público – cuja existência permite o aparecimento da liberdade. De fato, a consciência da presença ou da ausência da liberdade ocorre na interação com os outros e não no diálogo metafísico do eu consigo mesmo. [...] Política e liberdade, portanto, são coincidentes, porém só se articulam quando existe mundo público. A ação apesar de requerer vontade e intelecto, a eles não se reduz. (Prefácio da 8ª edição. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 21)

A busca da crítica social ou do engajamento político não dependem de nenhum lugar e de nenhum momento, mas estão sujeitos ao universo que existe em nós. Somos nós que selecionamos as trocas para os nossos questionamentos. Precisamos tentar desvendar vagamente quem somos, despertar minimamente nossa consciência para poder dar algum sentido à vida e quem sabe chegar a clicar um *like*¹⁷ imaginário.

O *déjà vu*¹⁸ dos processos de desagregação democrática resultou na *re-ascensão* do fascismo, em que a política da destruição e violência favorece a cultura dos medos, da miséria, da morte e do *outro*.

Sou avessa à colonização cerebral que toma conta da América Latina e às medidas repressivas que impedem o diálogo tão necessário à mudança, pois creio que todos têm o direito de expressar os anseios de forma pacífica e de demonstrar repúdio aos malfeitos.

O sociólogo Miguel Chaia vê diferenças entre o momento histórico de períodos anteriores, em que as críticas sociais e políticas ficavam implícitas nas próprias obras dos artistas, e da contemporaneidade, com ferramentas de mobilização nas redes sociais e outros instrumentos de tomada de posição rápidas:

Hoje, a resistência está muito mais no ativismo do que nos trabalhos em si. Quando o artista fala “Fora Temer”, ele não está produzindo um objeto estético, é um movimento. Há poucas produções que tratam disso. [...] Hoje há uma urgência em se

17 Referência ao botão de curtir utilizado na plataforma da maior rede social do mundo Facebook. É um recurso que permite aos usuários apontar que gostam de conteúdos compartilhados por amigos, sites e propagandas.

18 Já visto ou *déjà vu* ocorre quando fazemos, dizemos ou vemos algo que nos dá a sensação de já ter sido feito ou visto antes. É uma espécie de replay de alguma cena, na qual a pessoa tem certeza que já passou por aquele momento, mas realmente isso nunca ocorreu.

expressar, as coisas acontecem muito rápido, não é como no caso de Guernica, de Picasso, que era uma resposta a uma guerra longa. [...] Mesmo com a ascensão de políticos como Trump, não há censura e ainda há espaço para as pessoas se manifestarem. Antes, a crítica (de artistas) a um contexto político tinha que ser feita na própria obra, não havia outra forma.¹⁹

Não podemos abdicar de *utopias realistas*, de projetos que façam frente à abissal desigualdade que carrega em seu bojo a insegurança, o desprezo pelas instituições e a precarização de uma gramática inclusiva. Talvez sejam as nossas microrresistências, as denúncias das formas simbólicas de dominação que ajudarão a reconstruir um imaginário progressista para que possamos vislumbrar a construção coletiva dos afetos – entusiastas, realistas, ingênuos, pessimistas, artistas, loucos – através da sociabilidade democrática e da paz. Porque fora esta civilização, nos restaria a barbárie.

São os vários silêncios que organizam a memória dos poderosos que, por sua vez, sustentam e materializam os sistemas ditatoriais com o financiamento de estruturas repressivas. O silêncio das práticas violentas investidas tanto pelo Estado quanto pela guerrilha entre si e contra as populações civis incluindo camponeses e povos indígenas. O silêncio da sociedade diante das estruturas e dos procedimentos de funcionamento dos aparatos de inteligência e repressão durante a guerra e do aparato político-social no pós-guerra.

O testemunho agrega densidade através da narrativa biográfica que se constrói na relação com o outro, com a aproximação de arte e vida, ele exalta o que há de provocador numa simples declaração verbal. Em 2013, Regina Galindo traz a violência sofrida na pele por dezenas de vítimas da guerra civil em sua própria voz no Centro Cultural de España na cidade da Guatemala. A artista empresta seu corpo para testemunhar, a partir dos registros dos sobreviventes do massacre no Triângulo Ixil, as atrocidades cometidas pelas tropas militares.

La verdad foi a leitura pública dos depoimentos sofridos por aquelas mulheres sobreviventes em desagravo à intolerável situação jurídico-política da suspensão da sentença dada ao primeiro governante latino-americano

19 Disponível em: <https://vermelho.org.br/2017/09/22/arte-uma-das-formas-de-resistencia/>. Acesso em: 30 out. 2018.

condenado pelo crime mais grave reconhecido pelo Direito Internacional. Durante uma hora e dez minutos, pudemos escutar as sequelas deixadas pela desumanização e pelo massacre de mil setecentos e setenta e um indígenas da etnia *Ixil*. Escutamos seus filhos torturados, companheiros mortos, estupros sofridos e aldeias queimadas. Enquanto Regina lê os testemunhos do horror, um dentista de forma intermitente tenta silenciá-la aplicando anestésico em sua gengiva. De forma gradual, suas pálpebras e músculos faciais se alteram, e a dormência sentida em sua boca dificulta a leitura, atingindo o auge nos últimos minutos da ação:

Eu estava chorando muito ... e quando vi minha mãe, eles a tinham nua, eles tinham minha mãe nua lá no chão, chorando. Então meu irmão veio com uma bola, e minha mãe nua no chão como um animal, e meu irmão com a bola. E nós três chorando porque nos encontramos. E minha mãe me disse: – Estou feliz, agora que te encontrei. / A primeira coisa, eles atearam fogo. Eles atearam fogo e dentro das casas, havia pessoas dentro. Ouviram-se gritos das senhoras, as crianças ... Todos ficaram carbonizados. Eles subiram à casa do prefeito e o desceram na casa, o outro saiu e foi baleado. A família inteira foi baleada. E eles levantaram o fogo sobre tudo isso e tudo mais. Doze ou treze corpos ficaram queimados lá.

(...)

Eles me agarraram pela gola da camisa e lá minha cabeça quebrou. Eles me colocaram em um quarto em um convento católico e me deixaram pendurado. Como posso dizer? Com as mãos para cima. Eles me penduraram por duas horas, como eu te disse. Eu guardei tudo (frase ininteligível). Fiquei que era todo sangue puro... (frase ininteligível). Fiquei entre o sangue dos meus queridos irmãos que morreram. Sofri com meu próprio corpo, por isso digo que é mentira o que aquele homem diz que nada aconteceu. Eu digo que é verdade. Eu digo que é verdade. Eu vivi isso. Essa dor era verdadeira. Essa dor era verdadeira. Eu vivi isso.²⁰

As profundas relações históricas com o corpo-território nos posicionam como atores-chave na criação de alternativas *ecossociais*. Discursos baseados em experiências pessoais levam artistas, cineastas, acadêmicos e ativistas a agir como agentes políticos, desafiando a lógica capitalista de dividir, destruir e, às vezes, obliterar famílias, comunidades, culturas e a própria natureza.

Acredito que a violência e o abafamento de vozes que enfrentamos não são exclusivos de um lugar. Que a dor é a mesma de um indivíduo que vive no

20 Tradução nossa.

terceiro mundo ou no primeiro mundo, porque no final sentimos de forma semelhante. É a união que cria formas alternativas de pensar, novas alianças e estratégias que formam redes de resistência, lideradas nesse caso, por mulheres que defendem sem medo seu território, seu corpo, a coletividade e a Mãe Terra. Através de redes globais de solidariedade e experiência compartilhada, destacamos a beleza, a poética e o poder da resistência.

Essa resistência tão necessária me fez recordar do encontro de mulheres líderes indígenas das Américas²¹ do qual participei, em abril de 2019, inaugurado com o texto da líder comunitária Lisa Brunner²² *White Earth*²³: “Eles tratam a Mãe Terra como tratam as mulheres... Eles acreditam que podem nos possuir, nos comprar, nos vender, nos trocar, nos alugar, nos envenenar, nos estuprar, nos destruir, nos usar como fonte de entretenimento e nos matar. O que acontece com ela, acontece conosco”.²⁴

Naquele encontro, manifestamo-nos pela Criação, defendendo o futuro da humanidade com base a uma cosmovisão ancestral que une pessoas, Mãe Terra e Pai Celestial, ideias que são compartilhadas por representantes de *Standing Rock*²⁵, Guatemala, Amazônia e outras regiões.

Usamos arte, experiências pessoais, depoimentos e histórias como ferramentas de resistência, como rejeição simbólica, porém poderosa, às normas patriarcais que silenciam nossas vozes e que são responsáveis pela maioria das apreensões de terras e expropriações para mineração, bar-

21 Filhas da Mãe Terra: Um Simpósio sobre Extrativismo e a Feminização da Repressão e da Resistência. Daughters of Mother Earth: A Symposium on Extractivism and the Feminization of Repression and Resistance, no King Juan Carlos I Center Auditorium, NYU em Nova York, Disponível em: <https://as.nyu.edu/content/nyu-as/as/research-centers/clacs/events/spring-2019/daughters-of-mother-earth-symposium---extractivism---feminizatio.html>. Acesso em: 16 dez. 2019.

22 Lisa Brunner é membro da Nação Ojibwe e trabalha há quase vinte anos no campo da violência doméstica e agressão sexual. É a diretora executiva da Coalizão Sacred Spirits First Nations, em que aborda a violência contra as mulheres indígenas estadunidenses e nativas do Alasca. Ela defende, em nível local e internacional, mudanças nas políticas públicas que mantêm as realidades da violência contra as mulheres nativas dentro das comunidades tribais.

23 A reserva indígena Terra Branca é um dos seis grupos que compõem a Tribo Chippewa de Minnesota, o seu representante governamental que atende suas necessidades administrativas.

24 Tradução nossa do original: “They treat Mother Earth like they do with women.... They believe they can own us, buy us, sell us, trade us, rent us, poison us, rape us, destroy us, use us as entertainment and kill us. What happens to her happens to us.”

25 Reserva indígena localizada entre Dakota do Norte e do Sul nos EUA.

ragens, agronegócios, indústria de petróleo e gás. Violência que não só esgota os recursos que sustentam as comunidades e a própria vida, mas também se traduz no abuso tangível e no *feminicídio* de nativas em todo o mundo. No encontro, confrontamos a extração irrestrita de recursos e expusemos as consequências negativas sobre os corpos.

Para homenagear a resistência ante a visão colonialista e imperialista – genocida, racista, sexista e classista –, fizemos um ritual em frente ao *The Brown Building* no *Washington Place* em Manhattan, antes conhecido como *Triangle Shirtwaist Company Factory*, incendiado em março de 1911, onde honramos as cento e quarenta e seis vítimas de um incêndio que sucumbiram ou pularam dos três pisos superiores do prédio de dez andares, cuja maioria era composta de moças pobres e jovens imigrantes mal remuneradas por suas longas jornadas de trabalho.

Os donos da fábrica de camisas *Shirtwaist* eram conhecidos pelas políticas anti-trabalhadores, tanto que, quando o sindicato de maioria feminina²⁶ liderou uma greve dois anos antes, exigindo melhores salários e carga horária de trabalho mais humana, a fábrica foi uma das poucas que resistiu, subornando políticos e prendendo os grevistas.

Quando o incêndio irrompeu no oitavo andar, apenas um dos quatro elevadores estava funcionando, mas logo quebrou. A escada que dava acesso à rua estava trancada do lado de fora, supostamente para impedir furtos dos empregados e a outra abria apenas para dentro. Os bombeiros só puderam chegar ao sétimo andar. A escada de incêndio suportava o peso de poucas mulheres de cada vez. A válvula enferrujada fechada restringiu o acesso à água.

O massacre obrigou a cidade a promulgar reformas com leis que exigiram mais segurança nas fábricas e melhores condições para os trabalhadores explorados.

Mais de um século depois, uma nova catástrofe incendiária ocorre no albergue de menores de idade no município de *San José de Pinula* na Guate-

26 International Ladies Garment Workers Union.

mala. O *Hogar Seguro Virgen de la Asunción*, centro estatal de proteção a crianças e adolescentes vítimas de violência, abandono infantil, estava sob a tutela da *Secretaria de Bienestar Social de la Presidencia* do país.

Desde 2013, havia denúncias de superpopulação do abrigo – oitocentos jovens, muito acima da capacidade máxima recomendada de quinhentos –, maus tratos pelos monitores, indícios de recrutamento para exploração sexual, infraestrutura deficitária, segurança insuficiente e fugas constantes por conta das péssimas condições de vida, razões pelas quais a *Procuraduría de los Derechos Humanos* tinha solicitado, sem sucesso, medidas cautelares à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Na noite de sete de março de 2017, após o motim de tarde, ocorreu uma fuga em massa de pouco mais de cem crianças e adolescentes de ambos os sexos, que estavam sob a proteção e abrigo da instituição. A maioria foi recapturada pela *Policia Nacional Civil*. Na manhã do dia seguinte, as meninas protestaram contra os abusos físicos, sexuais e psicológicos que sofriam no *Hogar Seguro*, aproveitando o fato de que era o Dia Internacional da Mulher.

Cinquenta e seis delas foram repreendidas e trancadas num espaço de quarenta e seis metros quadrados e, mesmo depois de horas presas em que não podiam nem ir ao banheiro, uma delas ateou fogo em um colchonete de poliestireno no intuito de forçar a segurança a deixá-las sair. Deflagrado o incêndio, a situação saiu do controle e as meninas ficaram presas sem chance de serem resgatadas a tempo, pois os agentes da polícia discutiam com a supervisora que vigiava a sala, conhecida com *el aula*, se deveriam abrir a porta e contrariar a ordem prévia de não deixar ninguém sair.

Durante nove minutos se escutaram os gritos das adolescentes, mas o incêndio não pôde ser combatido pelos bombeiros, devido a dificuldade de acesso às instalações trancadas.

Quinze vítimas foram levadas aos hospitais da cidade com graves lesões e quarenta e uma meninas entre catorze e dezessete anos de idade morreram em consequência das queimaduras e do envenenamento por monóxido de carbono. Entre as sobreviventes, havia grávidas. Quase todas tinham enfrentado uma pobreza extrema, tornando acesso ao básico em suas vidas uma provação. Muitas tinham fugido de casa por abuso sexual por membros da própria família.

O caso indignou a população que iniciou comícios na *Plaza de la Constitución* para expressar o seu repúdio pelo que consideravam negligência, corrupção e inépcia por parte das autoridades governamentais guatemaltecas e gritaram em coro: “foi o Estado”, “não foi um acidente, foi uma execução” e “o único acidente é este Presidente”, em referência a Jimmy Morales.

Figura 5

Regina José Galindo. Las escucharon gritar y no abrieron la puerta, 2017. Performance sonora, Casa de la Memoria Kaji Tulum, Guatemala. Produção: Sildy Gómez Lima e Gravação de som: Enrique Juárez



Nove meses após o trágico feminicídio estatal, Galindo reúne quarenta e uma mulheres, incluindo mães que perderam suas filhas no incêndio, e se fecham em uma pequena sala para juntas gritaram durante nove minutos e recordar que nunca poderão calar as vozes das adolescentes que protestaram e arderam naquele dia, impedindo-as de se salvarem. Os gritos são um aviso que deve ressoar incessantemente.

Diante da impunidade, cada ato performativo pode ser uma possibilidade de resgate da memória, verdade e justiça. Pode ser uma fratura exposta da indignação social através de um protagonismo ritualístico e, com isso, vergar os ambientes e recordar a todos de que, apesar dos abusos, estamos vivas!

27 GALINDO, Regina José. Las escucharon gritar y no abrieron la puerta. Disponível em <http://www.reginajosegalindo.com/en/home-en/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Referências

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BARTROP, Paul R.; JACOBS, Steven L. *Modern genocide: the definitive resource and document collection*. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC, 2015. p. 892.

FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GAUSTER, Susana. Entre el suelo y el cielo. In: OXFAM. *Informaciones y publicaciones*. [S.l.], 28 mar. 2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org/es/informes/entre-el-suelo-y-el-cielo>. Acesso em: 18 mai. 2020.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PEDRONI, Sergio V. *Me comunico luego existo*. Antigua: Ediciones de la Anormalidad / Didáctica, 2017.

POPOL Vuh. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ubu Editora, 2019. A base para essa tradução crítica foi a transcrição da versão mais antiga do *Popol-Vuh* em espanhol do erudito Adrián Recinos em 1947.

POTTS, Malcolm; HAYDEN, Thomas. *Sex and war: how biology explains warfare and terrorism and offers a path to a safer world*. Dallas: Benbella Books, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

UNIVERSA. Atos de mulheres contra Bolsonaro se tornam o maior dessas eleições. In: _____. *Política*. Rio de Janeiro e São Paulo, 29 set. 2018.

VERMELHO. Arte, uma das formas de resistência. In: _____. *Cultura*. [S.l.], 22 set. 2017.

Recebido em 04 de abril de 2022 e aceito em 23 de novembro de 2022.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

